Uma reflexão sobre o irmão como neto, nos casos em que a diferença de idade é de 10 anos ou mais
Entre irmãos

No meu trabalho com famílias, tenho vindo a descobrir cada vez mais como são diferentes as mensagens que cada irmão recebe dos seus pais. Como budista, esta constatação é menos surpreendente do que poderia ser para o espírito ocidental. Na tradição budista tibetana, ensina-se-nos que o espírito de cada criança, ao reencarnar, escolhe os pais específicos que lhe podem proporcionar a sua próxima aprendizagem. Os pais de cada criança têm o dever de determinar o que o espírito da criança escolheu que ela aprendesse e de oferecer essa sabedoria à criança. Um aspeto maravilhoso desta ideia bela e harmoniosa é que pais e filhos não têm qualquer culpa genética uns para com os outros. Pelo contrário, pais e filhos reconhecem que são parceiros iguais no processo de evolução mútua dos seus espíritos. Muitas vezes pensei na quantidade de dor e sofrimento que as famílias ocidentais poderiam evitar se adotassem esta profunda verdade espiritual.

Ao compreender esta verdade, é fácil perceber por que razão, numa família onde há dois ou mais irmãos, cada um recebe mensagens diferentes dos seus pais. Afinal, cada um escolheu estes pais para aprender algo específico para o seu crescimento. Com demasiada frequência, porém, os irmãos e os seus pais desconhecem esta realidade. Na verdade, a minha experiência diz-me que, quando os pais são confrontados com a realidade de que transmitiram muitas mensagens diferentes aos seus filhos, negam-no. Preferem viver com a ilusão de que ofereceram a mesma sabedoria a cada filho. Da mesma forma, quando trabalho com irmãos, estes partem do princípio de que as mensagens que receberam dos pais foram exatamente as mesmas. Esta ilusão tem frequentemente causado grandes discrepâncias na realidade entre irmãos, o que, até ser dissipado,

torna a sua comunicação muito difícil. Assim que os irmãos compreendem que cada um escolheu estes pais para aprender algo específico para a sua evolução espiritual única, a comunicação avança rapidamente para dissipar a ilusão. Assim que essa comunicação se estabelece, os irmãos rapidamente se deleitam em partilhar entre si a verdadeira natureza das mensagens que receberam. Os pais que testemunham este processo dissipam então os seus próprios mitos e conseguem discernir por que razão o comportamento dos seus filhos ao lidar com uma questão comum é frequentemente tão diferente.

Para aqueles de vós com mentalidade ocidental que consideram difícil compreender o que disse até agora
compreender, sugiro que leiam o livro de Frank Sulloway, **Born to Rebel: Birth Order, Family Dynamics, and Creative Lives**[1], que vos levará ao mesmo ponto que qualquer metáfora oriental.

O reconhecimento, por parte dos irmãos e dos seus pais, das diferenças nas mensagens que receberam irá alterar profundamente a capacidade das duas gerações de tomarem decisões em conjunto. Por sua vez, um processo de tomada de decisão melhorado irá fortalecer o sistema de governação familiar e, em última análise, todo o tecido familiar.

Gostaria agora de abordar uma área específica da relação entre pais, filhos e irmãos. Na minha prática, descobri que um aspeto da transmissão de mensagens entre pais e filhos é particularmente complicado. Trata-se da relação entre filhos e netos. Pela minha experiência, quando existe uma diferença de mais de 10 anos entre as idades dos irmãos — e, em particular, quando existe tal diferença entre o irmão mais novo e o seguinte mais velho —, constato que as mensagens recebidas por este irmão mais novo dos seus pais são frequentemente mais semelhantes às que os avós transmitem aos seus netos do que às que os pais transmitem aos seus filhos. Se não tivesse observado isto em, pelo menos, dez das famílias com quem trabalho, provavelmente teria ignorado este facto. Fiquei igualmente perplexo com o facto de os irmãos nessas famílias parecerem ter muito mais dificuldade em comunicar. Tendo-me deparado com esta situação com tanta frequência, comecei a perceber que se trata de uma questão real e recorrente para as famílias, que precisa de ser esclarecida. Quais são alguns exemplos das diferenças fundamentais entre as mensagens recebidas pelos filhos e as recebidas pelos netos?

Na minha experiência, os filhos primogénitos e os segundos filhos recebem frequentemente mensagens dos pais relacionadas com o dever e a responsabilidade, sugerindo que a reprodução dos
valores dos pais, e até mesmo dos percursos de vida, são objetivos a alcançar. Este facto é confirmado por Sulloway. Da mesma forma, o terceiro e o quarto filhos recebem mensagens que lhes proporcionam maior liberdade e flexibilidade nas escolhas de vida, mais uma vez um facto confirmado por Sulloway. Ao refletirmos sobre estas diferenças, é fácil imaginar estes jovens pais empenhados a transmitir mensagens diretamente baseadas nessa experiência aos seus filhos mais velhos. Depois, muitas vezes numa fase mais próspera e com uma idade mais avançada, transmitem mensagens diferentes aos terceiros e quartos filhos. Agora, pense rapidamente na criança nascida dez anos depois do primeiro e do segundo filho, ou mesmo, em alguns casos, vinte anos ou uma geração inteira mais tarde. Aqui, estes terceiros filhos tinham os mesmos pais, mas pais que, nesse intervalo de vinte anos, não só tinham passado da idade adulta jovem para a meia-idade. Biologicamente, estão prontos para serem avós. É fácil compreender que estes pais estão prontos para oferecer a esta criança o amor e o carinho puros que os avós prodigalam aos seus netos. Em muitos casos, já ultrapassaram as lições severas de dever e responsabilidade que os pais jovens transmitem aos filhos mais velhos. É fácil perceber como estas terceiras crianças, embora aparentemente pertençam à mesma geração da família (biologicamente, são filhos dos mesmos pais), não são, na verdade, filhos dos mesmos pais, se nos basearmos nas mensagens transmitidas pelos pais.

Quando os irmãos optam por criar um sistema de governação familiar para estabelecer um quadro de tomada de decisões conjunta, a minha experiência diz-me que raramente têm tido em conta estas diferenças em relação aos seus pais. Normalmente, a decisão de iniciar um processo de governação familiar surge na sequência de um acontecimento financeiro na família, como o falecimento dos avós, a morte ou incapacidade mental dos pais, um divórcio, a venda de um negócio familiar ou algum outro acontecimento significativo na vida da família. Perante tal acontecimento, os irmãos reúnem-se e, muitas vezes pela primeira vez nas suas vidas de adultos, são chamados a trabalhar em conjunto. Raramente têm qualquer experiência nesse sentido, para além do planeamento de grandes reuniões festivas. Da mesma forma, qualquer experiência anterior que possam ter tido enquanto crianças limitava-se a isso mesmo: enquanto crianças, não como os adultos em que se tornaram. Quando se sentam juntos pela primeira vez, muitas vezes estão, na verdade, a conhecer-se como estranhos. Acreditam, no entanto, que

com as mensagens comuns que receberam dos pais, tomarão facilmente as decisões necessárias. Para sua surpresa, muitas vezes descobrem ter muito poucos pontos em comum. Assim que começam a dizer qual seria a mensagem que a mãe e o pai transmitiriam sobre este assunto, descobrem que não têm uma mensagem comum. A menos que conheçam a verdade partilhada nesta meditação, podem desperdiçar tempo valioso ou, pior ainda, criar animosidade que pode tornar a tomada de decisões futuras extremamente difícil. Na minha experiência, este problema de mensagens contraditórias é particularmente difícil para famílias com o grupo de irmãos composto por filhos e netos. Para o neto ou filho cuja experiência com os pais foi de amor incondicional e, muitas vezes, extrema liberdade de ação, as aparentes reuniões familiares que ajudam a fornecer as informações atuais necessárias sobre cada membro da família irão, consequentemente, aumentar a oportunidade de uma comunicação bem-sucedida. Uma dessas práticas consiste em pedir a cada participante, no início da reunião, que escreva um breve resumo indicando aquilo que o apaixona e o que os amigos sabem sobre ele ou ela que a família . Sugiro esta prática para suscitar em cada participante uma visão da sua trajetória de vida e de uma das três a cinco personalidades que cada um de nós possui. Com esta informação em mãos, os participantes na reunião terão uma compreensão sobre quem está presente hoje na sala, em vez de uma visão distorcida de quem um irmão era há vinte anos. Recomendo vivamente que as famílias comecem todas as reuniões importantes com este
exercício.

Recomendo também vivamente que os irmãos discutam abertamente e com verdadeiro humor as mensagens que cada um recebeu dos pais. A capacidade de compreender o quão diferentes essas mensagens eram ajudará enormemente a superar os mal-entendidos entre irmãos que as diferentes mensagens dos pais, com demasiada frequência, fomentam. Em famílias com uma diferença de idade significativa que dá origem a relações entre netos e filhos, não posso deixar de salientar a importância de os irmãos discutirem as mensagens dos pais que receberam. Se tal discussão não ocorrer, o risco de mal-entendidos e de uma comunicação familiar deficiente é extremamente grave. O reconhecimento das nossas diferenças é o primeiro passo para a valorização da nossa singularidade individual e o verdadeiro primeiro passo para criar um sistema de tomada de decisões familiares bem-sucedido.

A rigidez estreita de pontos de vista sobre questões entre irmãos, muitas vezes com idades equivalentes à idade normal dos pais do neto/filho, é muito difícil de compreender. Para os irmãos mais velhos, o comportamento exibido pelo irmão mais novo, de laissez-faire e de «deixar tudo à mostra», parece, na melhor das hipóteses, ingénuo e, na pior, infantil. Nenhum dos dois grupos de irmãos está errado quanto ao que observa, mas quando atribuem motivos a esses comportamentos, chegam a conclusões radicalmente erradas sobre a motivação uns dos outros para encontrar um terreno comum. Assim que os irmãos, enquanto grupo, começam a descobrir quem cada um é enquanto indivíduo — em vez de apenas como filho dos mesmos pais —, as suas suposições erradas quanto à natureza da motivação desaparecem. No meu livro, **Family Wealth: Keeping It in the Family**, abordo práticas que as famílias podem pôr em prática.

No caso dos irmãos, paradoxalmente mais do que entre estranhos, a capacidade de trabalhar em prol de um objetivo comum é, muitas vezes, mais difícil. O segredo está em compreender que, embora sejamos irmãos biologicamente, somos, na verdade, indivíduos extraordinários que, por acaso, escolheram as mesmas duas pessoas para aprender coisas muito diferentes. Quando, como irmãos, as nossas diferenças de idade são extremas, não é de admirar que as lições que escolhemos aprender sejam muito diferentes, uma vez que as pessoas de quem, por acaso, aprendemos têm elas próprias idades muito diferentes na altura em que decidimos aprender com elas.

A todos os irmãos, incluindo os meus: Peter, Betsy e Barbie, NAMASTE

Copyright ©1999 por James E. Hughes, Jr., Esq.

---

[1] Sulloway, Frank J., *Born to Rebel: Birth Order, Family Dynamics and Creative Lives*, Vintage Books, 1997.